

**Título: Estudo comparativo sobre as diferenças sexuais nas teorias psicanalítica e cognitivista**

**Aluna:** Camila Passador Garcia

**Programa:** PIC/FEUSP

**Orientador:** Prof. Dr. Rinaldo Voltolini

**Resumo:**

Análise de obras referenciais de Sigmund Freud no tocante ao desenvolvimento das teorias sexuais infantis e a consequência para a chegada ao superego no menino e à mudança de objeto amoroso e referencial sexual na menina. No mesmo sentido, analisamos a obra de Carol Gilligan no que diz respeito à aplicabilidade da pesquisa de Lawrence Kohlberg em mulheres e posterior desenvolvimento da moral do cuidado. Tendo como pano de fundo estas duas teorias realizamos um estudo comparativo e complementar da forma como a pessoa do sexo feminino é retratada e as implicações deste no ciclo de vida da mulher.

## 1. Introdução

O objetivo principal deste trabalho é o de identificar de que forma é discutida a questão da diferença sexual nas teorias psicanalítica e cognitivista. Para isso, selecionamos e nos debruçamos sob textos de Sigmund Freud que tratam da questão da diferença sexual, além de textos de GILLIGAN (1997) que discute e exemplifica a moral feminina, por meio da contestação da teoria de Lawrence Kohlberg.

No primeiro capítulo nos propomos a analisar e discutir conceitos psicanalíticos acerca da constituição sexual das crianças, mostrando o caminho que, segundo Freud, a criança percorre em busca da resposta que satisfaça sua curiosidade sexual primordial e como se desenrolam as fases do Complexo de Édipo para a chegada ao superego.

Além disso, nos valemos de BIAGGIO (2002) e sua tese a respeito dos estágios morais de Lawrence Kohlberg para apreender de que forma são levantadas e tratadas as questões da diferença sexual em detrimento da moral em sua obra. Ainda no mesmo caminho, nos deparamos com Carol Gilligan e suas conclusões sobre as lacunas na teoria de Lawrence Kohlberg dos estágios morais, que segundo a autora, excluem as mulheres deste processo de classificação.

O tema do estudo de gênero é bastante freqüente em estudos das ciências sócias. Na ciência da psicologia, no entanto, tratar de questões de gênero é algo bastante restrito e a articulação de estudo de gênero nas diferentes perspectivas teórico-epistemológicas é rara.

O que norteou esse estudo é a forma como ocorre muitas vezes a classificação de sujeitos em dois sexos, partindo do pressuposto psicanalítico que a divisão sexual é simbólica, uma vez que estudos apontam que sexo biológico nem sempre está relacionado ao sexo psicológico.

Assim, o estudo comparativo nos mostrou que por mais que existam duas teorias distintas dentro do estudo da psicologia contemporânea, podemos nos valer de argumentos presentes em uma teoria específica para complementar outra teoria que esteja dentro do mesmo campo científico.

## **2. Como a Psicanálise aborda a questão da diferença sexual**

Nos textos que tomamos como base para esta pesquisa, Freud pontua que o interesse sexual das crianças é baseado na pergunta clássica: “De onde vem os bebês?”. Esta pergunta é *produto de uma exigência vital* (1905, p. 194) e permeia as tentativas subsequentes das crianças conseguirem responder a esta questão.

O desenvolvimento das teorias sexuais infantis é composto, segundo Freud (1905), por informações providas dos adultos e é a partir deste momento que a criança vai tomando consciência da vida sexual, fantasiando ainda em cima de suas próprias teorias sexuais, mas tentando sempre aproximar estas teorias com as ‘novidades’ que recebem de outras pessoas. Apesar da história que os adultos contam às crianças, é com base em suas próprias experiências pulsionais que vai se desenrolando a busca por compreender como nascem os bebês, fazendo com que as crianças adotem pontos de vistas baseados em histórias que os adultos contam a elas, a isto, Freud nomeia de teorias sexuais infantis.

As teorias sexuais infantis foram compostas com bases em três tipos de observações, a observação do que as crianças fazem, a observação de adultos neuróticos que relembram suas infâncias, além das lembranças trazidas por pacientes às sessões. O autor justifica a observação de adultos e crianças como a mais fértil das fontes para conclusões. O segundo tipo de observação, aquele que é composto pelas lembranças que os adultos trazem à tona durante a sessão psicanalítica, é fértil, entretanto, há um processo de adulteração na rememoração, isto é, o paciente dá um caráter adulto à estas lembranças, suprimindo em partes

a sua sexualidade, por acreditar que quando era criança não trazia consigo essas investigações acerca da constituição sexual.

*Nenhuma criança pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos anteriores à puberdade*<sup>1</sup>, porque, para o autor, adultos sãos e neuróticos tiveram a mesma infância, mas foram apenas os que conseguiram passar por todos os estágios que permeiam nossa vida na infância e adolescência, os primeiros, que não trazem maiores problemas em sua vida adulta posterior.

A suposta perda do carinho, gerada, por exemplo, com a chegada de um novo bebê na família aguça a capacidade de pensamento na criança. Em suas primeiras tentativas de descobrir de onde surgem os bebês, a resposta é contemplada com a teoria da fábula da cegonha, esta exemplificada e fantasiada pelos adultos que não contam de fato como ocorre o surgimento de uma nova vida, utilizando a cegonha como ‘remetente’ deste novo bebê aos pais. Surge aí um conflito psíquico, uma vez que as hipóteses que a criança já detinha por ela mesma acerca desta pergunta não são consideradas pelo adulto que lhe fornece a resposta. Após este momento, a criança é motivada a procurar a resposta que satisfaça sua pergunta.

Os adultos, por sua vez, recalcam que o sexo pode ser vivido pelas crianças. Este forte preconceito que norteia o ‘desconhecimento’ dos adultos, impede uma projeção maior desta busca da criança sobre a resposta a sua instigante pergunta.

As observações de Freud para analisar as teorias sexuais infantis, foram iniciadas com as crianças do sexo masculino, no entanto, há a “*existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhante em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios*” (1905, p. 193). Para a criança do sexo masculino todos possuem um pênis, inclusive as crianças do sexo feminino. Essa é a primeira teoria sexual infantil verificada por Freud, que constitui no desconhecimento que as crianças tem a respeito dos sexos. A criança

---

<sup>1</sup> FREUD, S. Teorias sexuais infantis. (1905). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume IX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, p. 191.

do sexo masculino não consegue conceber a idéia de como um ser tão parecido com ele pode não possuir algo tão importante – o pênis:

*O alto valor que o menino lhe concede reflete-se naturalmente na sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial. (FREUD, 1905, p. 196).*

A partir desta crença, alguns meninos fixam seu objeto sexual em seu próprio órgão, chegando, inclusive, a supor que se as mulheres não possuem pênis carecem de atrativo sexual básico que possivelmente poderia os unir.

Nesta busca pela resposta de onde vem os bebês, as crianças tem dificuldades para concluir sobre a penetração/fecundação, por supor que todos possuem um pênis, se perguntam: como a mãe fica grávida?

Quando o menino começa a descobrir a excitação do pênis, os adultos repelem esta atitude da criança do sexo masculino, incitando a castração de seu órgão sexual,

*O efeito dessa 'ameaça de castração' é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente (FREUD, 1905, p. 197)*

Através da ameaça de castração, as crianças do sexo masculino abrem mão das suas perguntas e chegam ao superego, em prol de um prazer narcísico – manter seu pênis. Para as meninas, a ameaça de castração ocorre também, mas é um pouco diferente da castração que assola as crianças do sexo masculino. Para elas, a ameaça de castração surge como um fator de repressão de sua sexualidade masculina, simbolizada pelo clitóris, fazendo surgir sua sexualidade feminina, simbolizada pela vagina.

Com a repressão da ação masturbatória, a criança do sexo masculino fica impedida de perceber que a vagina é um órgão sexual diferente e cria em sua mente uma concepção de que o órgão sexual feminino é na verdade um pênis mutilado. Sendo assim, a criança não consegue compreender a funcionalidade do pênis no processo de formação dos bebês.

A segunda teoria sexual infantil é uma continuidade do processo de desconhecimento que as crianças do sexo masculino possuem do órgão sexual feminino, recorrência da ameaça de castração. As crianças do sexo feminino compartilham a idéia que os meninos possuem do pênis e por isso sentem-se humilhadas por eles e com relutância em aceitar o papel da mãe em suas vidas. Acontece um *afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno* (1925, p. 316), isto por acharem que a culpa por elas terem nascido 'incompletas' é proveniente de sua mãe não ter-lhe proporcionado um pênis, como nos meninos.

A partir desta descoberta, por parte das meninas, de que os meninos possuem pênis que não são mutilados, elas sentem ciúmes do homem. Ocorre inversamente ao Complexo de Édipo masculino, em que o objeto amoroso do menino é a mãe. Já nas crianças do sexo feminino, há uma mudança de direção do seu objeto amoroso, no início era a mãe, como nos meninos, no entanto quando a menina descobre que a 'culpa' por elas não terem um pênis é de sua mãe, o seu objeto amoroso transfere-se para a figura paterna, *em outras palavras a mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto* (1932, p. 04)

O desejo sexual da menina, ao contrário do desejo sexual do menino que é excitação do pênis, é gerar um filho, porque segundo Freud, tem uma *ligação com o pai e ao desejo, em que esse vínculo culmina, de terem um filho seu* (1925, p. 312)

Além disso, a repressão à masturbação feminina não é exclusividade dos responsáveis pela educação das crianças do sexo feminino, porque

*A masturbação está mais afastada da natureza das mulheres que da dos homens e a solução do problema poderia ser auxiliada pela reflexão de que a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e que a eliminação da sexualidade clitoridiana constitui pré-condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. (FREUD, 1925, p. 317)*

Após a ameaça de castração na criança do sexo feminino, podem ocorrer três tipos de complemento ao desenvolvimento de sua sexualidade. No primeiro, a criança do sexo feminino nega qualquer alusão à sua sexualidade. No segundo, a criança do sexo feminino encontra bastante dificuldade em abandonar seu primeiro órgão sexual, o clitóris, para 'assumir' seu órgão tipicamente feminino, a vagina, encontramos muitos vestígios de comportamento masculino no desenvolvimento da criança que seguiu esta linha. No terceiro, a criança do sexo feminino consegue atingir uma atitude feminina normal, onde toma o pai como seu novo objeto amoroso, *encontrando assim o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo* (1932, p. 06).

Enquanto que na criança do sexo masculino a ameaça da castração resulta na resolução do seu Complexo de Édipo e chegada no superego, na criança do sexo feminino, a ameaça da castração faz com que esta criança seja inserida no seu Complexo de Édipo.

A partir do desconhecimento da vagina e a suposição que as crianças possuem que as meninas têm um pênis 'mutilado', as crianças são levadas a supor que os bebês nascem pelo ânus. Mas surge um aí outro impasse: se as crianças nascem pelo ânus, tanto homens como mulheres podem ter filhos, então porque só as mulheres ficam grávidas? Se tomarmos como base esta afirmação, de que os dois sexos podem gerar um filho, a própria criança do sexo masculino pode se sentir como uma 'mãe em potencial'.

As crianças crêem que se o bebê nasce através de excreção anal, isto é uma conseqüência da mãe ter ingerido uma 'semente de bebês', é importante salientar que esta hipótese é uma continuidade à teoria cloacal descrita acima.

A terceira teoria sexual infantil é conseqüência do fato acidental das crianças presenciarem a copula dos pais. Neste caso, ela é levada a elaborar uma *concepção sádica do coito* (1905, p. 199) e o pai, simbolizado pelo mais forte, agride a mãe, que é simbolizada como mais fraca. A criança, neste caso, transporta para o ato sexual as observações que vê do relacionamento dos pais.

A relação sexual, neste caso, não é entendida como a maneira de conceber um bebê, ao invés disso, a criança interpreta o ato de amor como sendo um ato de violência (1905, p. 200), sendo assim, a mente infantil é desviada do caminho que a levaria à resposta da sua pergunta inicial.

No entanto, Freud (1925) pontua que quando uma criança, em idade precoce, ouvir os pais copulando, pode ser um *ponto de partida para todo o desenvolvimento sexual da criança* (p. 312). Assim, dependendo em que momento acontecer essa presenciada acidental do ato sexual dos pais, Pode ser considerado como um fator que propulsionará o desenvolvimento das investigações sexuais infantis.

Uma concepção tipicamente feminina, segundo Freud, é que a criança pode ser gerada através de um beijo, que simboliza promessa de prazer do casamento. Tomando a boca como uma zona erógena, há algum fundamento de as mulheres acreditarem que as crianças são geradas desta forma, na adolescência só as mulheres fantasiam que o beijo pode engravidá-las. É no corpo delas que a gravidez se dá, logo, ela pensa que é aí, através do beijo, que pode se efetivar a gravidez.

Através destas explicações podemos perceber, de forma clara, a intensidade com que as crianças desenvolvem suas pesquisas e teorias sexuais. É muito relevante considerar a falta de consciência dos pais em relação à vida sexual dos seus filhos, além da intensidade com que as crianças estão interessadas em



descobrir de onde vem os bebês. Não podemos, também, deixar de considerar a importância que as teorias sexuais infantis e as diferentes formas que as crianças de ambos os sexos compreendem a respeito destas teorias exercem sobre o complexo de castração e a inveja do pênis, evidenciando as diferenças sexuais anatômicas.

Neste caso, podemos concluir que masculinidade e feminilidade são constituídas pelo ser humano, logo, isto se constitui com relativa autonomia em relação ao sexo anatômico. Ou seja, não é por possuir uma vagina e ser, por isso, biologicamente do sexo feminino que a criança se colocará perante a sociedade como menina, mostrando uma identificação com as características femininas.

Podemos, então, definir as diferenças sexuais como um conjunto de pulsões psíquicas que permitirão ao indivíduo se posicionar perante seu próprio sexo anatômico, além de assumir uma postura na sociedade em que está inserido.

### **3. Como a Psicologia Cognitiva aborda a questão da diferença sexual**

Lawrence Kohlberg, em um primeiro momento, determinou nossos estudos acerca das diferenças sexuais na psicologia cognitivista, uma vez que estudou a moralidade sob o ponto de vista cognitivista. Uma importante apresentação desses estudos no Brasil foi publicado por BIAGGIO (1988), livro este que norteou parte de nossa pesquisa sobre o tema.

A teoria de julgamento moral de Kohlberg é considerada bastante ampla pelo fato de demandar uma sequência, da qual os estágios mais altos, que Kohlberg classificou como sendo os estágios quinto e sexto, constituem o que ele chamou de pensamento pós-convencional. É interessante pontuar que vai a sentido contrário à maior parte das explicações sociais e psicológicas, que consideram que quando ocorre a internalização de valores da sociedade é quando se chega ao ponto final do desenvolvimento moral. Para ele, apenas atingimos a maturidade moral quando o indivíduo é capaz de assimilar que justiça e lei são coisas diferentes.

Exemplificando, podem existir leis moralmente erradas e que por isso, devem, portanto, ser alteradas. Um ponto alto da tese de Kohlberg é aquele que afirma ser possível a qualquer indivíduo a capacidade de transcender os valores da cultura em que ele foi socializado, ao invés de simplesmente incorporar esses valores de uma forma passiva.

O pensamento pós-convencional, aquele que enfatiza a democracia para além dos princípios individuais, é mostrado por Kohlberg como essencial para o desenvolvimento pleno da cidadania do ser humano. Um outro ponto relevante é aquele onde estuda o desenvolvimento moral, no entanto, com crianças maiores do que aquela que Piaget estudou. As crianças que Kohlberg estudou possuíam idades entre os dez e os dezesseis anos, a partir destas observações Kohlberg chegou a conclusão de que a maturidade moral pode, em sua grande parte, ser alcançada apenas por alguns adultos.

Com a criação da teoria dos estágios morais, Kohlberg acreditava que o nível mais alto da moralidade exigia estruturas lógicas novas e mais complexas do que as teorias apresentadas anteriormente por Piaget. Assim, segundo o autor, existem três níveis da moralidade. O primeiro nível chamou de nível pré-convencional que se caracteriza pela moralidade heterônoma, neste nível há um estágio, onde a autoridade é a base das regras morais, e, principalmente a criança, se submete à estas regras afim de evitar o castigo. O indivíduo que encontra-se neste estágio moral, entende a justiça em função de diferenças de poder. Há neste nível um segundo estágio, o qual Kohlberg chamou de moralidade de intercâmbio, é aí que se inicia o processo de descentralização, neste processo há a possibilidade do indivíduo perceber que outras pessoas também têm seus interesses, porém a moral ainda permanece individualista, fazendo com que estabeleça trocas e acordos. Além disso, é importante salientar que para Kohlberg as expectativas sociais são externas ao eu.

O segundo nível, classificado por Kohlberg, foi intitulado nível convencional, o qual valoriza-se o reconhecimento do outro e inclui dois estágios: o da moralidade

da normativa interpessoal e o da moralidade do sistema social. No primeiro estágio desse nível, inicia o cumprimento das regras para assim garantir um bom desempenho do papel de "bom menino" e de "boa menina", podemos perceber a partir deste estágio uma preocupação com outras pessoas. No segundo estágio deste nível, o indivíduo assume um papel na sociedade em que vive e convive com outros pares, tornando-se, então, um membro que respeita a concepção social que deve ser aplicada à todos os pertencentes à esta sociedade.

O terceiro nível foi chamado de nível pós-convencional, considerado nos escritos de Kohlberg, como o mais alto da moralidade, é apenas neste nível que o indivíduo começa a perceber os conflitos entre as regras e o sistema em que está inserido. Este nível foi sub classificado em dois estágios: estágio da moralidade dos direitos humanos e o estágio dos princípios éticos universais. Neste nível, os comportamentos morais passam a ser regulados por princípios:

*"Os valores independem dos grupos ou das pessoas que os sustentam, porque são princípios universais de justiça: igualdade dos direitos humanos, respeito à dignidade das pessoas, reconhecimento de que elas são fins em si e precisam ser tratadas como tal. Não se trata de recusar leis ou contratos, mas de reconhecer que eles são válidos porque se apóiam em princípios" (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 312).*

Segundo os estudos de Kohlberg, são poucas as pessoas que atingem o último nível da construção moral, o autor mostra inúmeros motivos para que isto não ocorra. Kohlberg justifica que, em primeiro lugar, os indivíduos não nascem morais, mas que seu comportamento moral evolui com base em etapas que antecedem a fase da descentralização. Tomando como base esta linha de pensamento, Kohlberg esperava que os pais e professores estivessem moralmente

maduros para auxiliarem as crianças, no entanto, o autor percebeu em suas pesquisas de campo que nem sempre isto ocorre.

#### **4. As investigações de Gilligan: o contraponto da teoria kohlberguiana**

Entre as pesquisas que dão continuidade ao legado de Lawrence Kohlberg, encontram-se as primeiras investigações de Carol Gilligan.

Carol Gilligan é considerada uma importante e influente pesquisadora feminista, tendo ocupado durante muito tempo a cadeira de estudos de gênero da universidade de Harvard. Seus estudos vão a direção à afirmação de que existem diferenças importantes entre os sexos que não podem ser deixadas de lado.

O escopo teórico de Lawrence Kohlberg foi desdobrado para medir a inteligência moral de homens e mulheres classificando-a em seis níveis, dos quais as mulheres somente conseguiriam chegar ao nível três, quarto estágio, no máximo.

Gilligan evidencia que, segundo o modelo de Kohlberg, uma porcentagem significativa apresentam uma regressão moral, do ponto de vista dos estágios de moralidade de Kohlberg, ao passar da adolescência para a fase adulta de suas vidas. Esta conclusão a que chega Gilligan é resultado surpreendente da base teórica que Gilligan decide revisar, confrontar e analisar o paradigma de Kohlberg, atentando-se, principalmente, às respostas das mulheres, que, para Gilligan, possuem um ponto de vista diferente do ponto de vista masculino, este ponto de vista foi concentrado nas publicações de Lawrence Kohlberg. em sua tese de doutorado.

Gilligan (1997), destaca em suas pesquisas como a questão de gênero constitui um elemento de distinção na forma como o ser humano compreende e

avalia as questões morais. Ao apontar que meninos e meninas tendem a privilegiar aspectos diferentes que estão presentes nas situações de conflito moral, Gilligan discorda das orientações cognitivistas que percebem o desenvolvimento moral como um processo universal nos seres humanos. A pergunta que norteou o início da pesquisa de Carol Gilligan se existe alguma relação entre a orientação moral e o sexo das pessoas que estão sendo entrevistadas, mostrou posteriormente que, nos indivíduos do sexo masculino, que participaram das pesquisas com Kohlberg, a prevalência de uma orientação moral voltada para os aspectos de justiça e da razão, enquanto observou que, nas mulheres, existe uma orientação moral situada mais pela presença de elementos afetivos em que se destaca o cuidado com o outro. A autora afirma que ambos os pontos de vista mostram maturidade em seu pensamento moral.

Para Gilligan essas conclusões de suas pesquisas acabaram evidenciando o caráter reducionista do modelo, marcadamente androcentrico, de Kohlberg. Para ela, Kohlberg considerou apenas uma parcela dos indivíduos, excluindo as mulheres do seu campo de pesquisa. Além disso, operar em apenas em metade dos seres humanos, considera apenas o âmbito público-social, onde é aceitável e desejável noções de justiça e razão, ignorando, assim, o âmbito privado, que é onde acontece as interações afetivas e de cuidado, onde está marcada a ética do cuidado feminino proposta por Gilligan. Segundo a autora, o modelo de estágios morais de Kohlberg não considera os afetos e sentimentos como honroso de serem tidos em conta e, desvalorizando estes sentimentos, acaba por negar o valor afetivo em âmbito público.

Carol Gilligan indica maneiras distintas de conceber a moral e, além disso, a diferenciação da moral permite-nos avançar no terreno da complexidade e da consideração da diversidade como um elemento fundamental da explicação psicológica.

O que Carol Gilligan pretende mostrar ao longo de suas pesquisas é que as mulheres se orientam por uma ética diferente daquela pelo qual se orientam os

homens, elas se orientam principalmente pela ética da responsabilidade e do cuidado que levam em consideração a perspectiva da pessoa que também está envolvida na situação de conflito moral. Ou seja, pode ser considerada uma ética contextualizada em que estão presentes o diálogo e a compreensão de diferentes perspectivas. *Os valores presentes na ética feminina salientam a interconexão entre as pessoas e o pensamento indutivo, que combinam a diferenciação e a integração entre os sujeitos* (GILLIGAN, 1997).

De um outro lado, a ética masculina expõe, através das falas dos entrevistados de Lawrence Kohlberg, que o melhor juízo no julgamento moral é aquele que é distante, neutro e imparcial. A ética masculina, segundo a autora, salienta os valores individualistas do ser humano, o pensamento dedutivo, os direitos formais e os direitos meritocráticos.

Isso, entretanto, não significa dizer que se possa dividir e afirmar que entre homens e mulheres há um grande poço de diferenças. Há homens e mulheres que circulam pelas diferentes éticas. Gilligan demonstra que o paradigma de pesquisa de Lawrence Kohlberg é, em sua essência, masculino e que esse paradigma não pode ser aplicado às mulheres, pelo fato de as mulheres, segundo demonstrou Gilligan, possuem uma ética diferente da ética masculina, uma ética que é ligada à sua própria experiência na responsabilidade e no cuidado pelos outros, denominada pela autora como 'ética do cuidado'.

## **5. Entre as teorias de Sigmund Freud e Carol Gilligan**

A partir das teorias sexuais infantis, estruturadas no Complexo de Édipo, Freud faz uma investigação a respeito do desenvolvimento sexual das crianças levando em consideração a importância que as crianças dão ao falo.

Dessa forma, se desenrolam os estágios dentro do Complexo de Édipo para que a criança do sexo masculino encontre o superego, esse é precedido pela fase do complexo de castração.

O complexo de castração é o momento em que a criança do sexo masculino está em avançada investigação acerca de sua constituição sexual e é repelida por um dos seus progenitores, ou por algum responsável por ela, sendo advertida que correrá o risco de perder seu órgão sexual, caso não cesse tal atividade.

Nas crianças do sexo feminino, o momento do complexo de castração ocorre de forma diferente com que acontece com as crianças do sexo masculino. Na menina, quando ocorre a ameaça da castração é o momento em que ela abandona seu primeiro órgão sexual – o clitóris, além de seu primeiro objeto amoroso, a mãe em detrimento do seu segundo órgão sexual – a vagina, mas também um novo objeto amoroso que é agora simbolizado pelo pai. Dessa forma, podemos apontar neste momento uma diferença, ao menos na forma de como acontece o desenvolvimento sexual das crianças.

Quando Freud *abandona qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino* (1932, p. 02), mostra que por mais que existam diferenças entre os sexos, tanto homens quanto mulheres organizam seus instintos pulsionais em torno do falo. De um lado, as mulheres sentem-se inferiores em relação aos homens por não possuir o falo, de outro lado, os homens sentem-se com relativa superioridade em relação às mulheres por possuírem o falo. Nesta relação do homem crer ter o falo e a mulher crer não tê-lo, tanto um quanto outro estão enganados, uma vez que o falo é a representação simbólica do pênis, podendo levar a crer que é o símbolo da plenitude, principalmente para aquelas crianças que encontraram-se confrontadas com o órgão sexual feminino. Essa pode ser considerada uma das razões pela qual os meninos têm tanto medo de perdê-lo e as meninas desejam inconscientemente tê-lo.

Esse é o episódio que nos mostra de forma mais clara a sensação de não nos sentirmos completos, gerando a angústia. A partir disso, podemos considerar a usual classificação das pessoas do sexo masculino nos estágios de justiça de Kohlberg. Sendo perceptíveis as atitudes masculinas geradas pela convivência em

sociedade, os homens estão acostumados a essa aparente 'competição inconsciente' sobre quem tem e de que forma tem o falo, uma espécie de estruturação psíquica em torno dele.

Do ponto de vista feminino, o falo é representado como o filho que a mulher pode gerar. Durante o tempo dedicado ao cuidado com seus filhos, a mulher nos deixa com a impressão de estar cuidando de si mesma, tamanho o cuidado e consideração com que desempenha essa função. E de acordo com os escritos de Freud, no inconsciente feminino os bebês são mesmo parte do corpo das mães, como que se esse filho que ela pariu fosse uma recompensa pelo fato dela ter nascido sem pênis.

Carol Gilligan reafirma as particularidades de cada sexo, ao afirmar que tanto homens que possuem a moral de justiça, quanto mulheres que possuem a moral da ética e do cuidado, são maduros. Mostrando-nos, portanto, que as diferenças aparentes entre os sexos, encontram-se no fato de homens e mulheres terem posicionamentos diferentes sobre o mesmo tema, por exemplo: existem formas distintas de se pensar o mesmo assunto, e não podemos cometer o erro de considerar uma forma como mais válida em relação à outra. Tomar um posicionamento como ponto de partida seria cair em um maniqueísmo que na realidade é mais proveitoso considerar ambas as formas de pensamento. E, além disso, há homens que pensam como a moral do cuidado, e mulheres que tem o senso de justiça muito mais aguçado de que alguns homens.

Nesse sentido, há um ponto de divergência entre as duas teorias, porque para a psicanálise, a sexualidade é uma questão de identidade sexual, que é autônoma em relação ao sexo biológico. Já para a psicologia cognitivista, a definição em gênero dá-se pela via do sexo biológico, não ficando claro de que forma acontece a definição de identidade sexual nesse campo.

A sociedade contemporânea é marcada pela individualidade, que é a forma como são tecidas as relações de convívio e trabalho. Por exemplo, nesta sociedade, há uma exaltação de distância e individualismo que são marcadas por



Kohlberg e reafirmadas por Gilligan como sendo características que estão nos estágios de justiça, mostrada na maior parte das vezes em pessoas do sexo masculino.

Nessa sociedade estão presentes traços bastante lineados da repressão sexual dos pais na vida sexual dos filhos, um fator presente em nosso cotidiano que interfere no desenvolvimento intelectual da criança. A criança vai em busca da resposta à sua pergunta primordial, no entanto, como é reprimida pelos pais, ela afasta-se das outras questões que possivelmente orientariam o seu desenvolvimento como um todo.

Todavia, se o pai lhe conta toda a verdade logo de início o seu desenvolvimento intelectual pode ser comprometido, pelo fato da criança não ter as questões norteadoras da sua investigação. Sendo lhe revelada a verdade há o problema de seu desenvolvimento no futuro ser promíscuo, interferindo na sua moral inteiramente. Afetaria seu desenvolvimento intelectual o fato de ser contado à ela, na tenra infância, a maneira como são tecidas as relações entre os sexos?

## 6. Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003

BIAGGIO, A. M. B. *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*. São Paulo, SP: Moderna, 2002.

FREUD, S. *Feminilidade* (1932). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume XXIII. Rio de Janeiro, Imago editora, 1972.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume VII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas*

*completas de Sigmund Freud*. Volume XIX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume XIX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. Teorias sexuais infantis. (1905). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume IX. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

GILLIGAN, C. Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância a idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

\_\_\_\_\_. Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

LOURENÇO, O. Psicologia e desenvolvimento cognitivo: teoria, dados e implicações. 2º edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.